



## **Escola Nacional de Agroecologia: educação popular para a formação de instrutores agroecológicos**

Por: Cogo, Gabriela; Sotiru, Martin Nicolas; Monguzzi, Facundo Nicolás; Jurado Rocabado, Arnoldo; Almazan Cardoso, Juana

A Escola Nacional de Agroecologia (ENA) é uma ferramenta pedagógica construída pela Federação Rural de Produção e Raízes (Argentina), cujo objetivo está focado na "Formação de Formadores" em agroecologia, ou seja, agricultores que possam ensinar e difundir a agroecologia em seus territórios. A experiência surgiu de uma demanda dos agricultores para aprender e treinar em agroecologia. Após três cursos, o ENA contribuiu para a formação em agroecologia, soberania alimentar, organização popular, feminismo, metodologias horizontais, entre outros, em uma estrutura de educação popular. Compartilhamos aqui as conclusões que emergiram dos cursos e uma reflexão sobre a contribuição do ENA para a construção de um sujeito sócio-histórico e político coletivo que chamamos de "agricultura familiar camponesa e indígena agroecológica".



Uma das turmas da Escola Nacional de Agroecologia recebendo seus certificados. Foto: Federação Rural

## **O surgimento e o desenvolvimento da ENA: uma necessidade dos territórios**

A Escola Nacional de Agroecologia (ENA) é uma proposta que foi criada com o objetivo de fortalecer e expandir a agroecologia em diferentes territórios da Argentina, com base nas necessidades expressas por pequenos agricultores de diferentes localidades e regiões do país, reunidos na Federação Rural de Produção e Raíces (FRPA). A FRPA é uma organização nacional que reúne mais de 35 mil produtores em 19 províncias. É uma ferramenta sindical para agricultores e camponeses, mas também está comprometida com um novo modelo agrário nacional: com justiça social e soberania política, que favoreça as raízes rurais, para o fornecimento de alimentos ao povo sem intermediários por meio da criação de cooperativas de comercialização e para a construção de formas sustentáveis e alternativas de produção, com ênfase especial na agroecologia [1].

A ENA é uma estratégia da organização baseada na experiência acumulada nos anos anteriores por meio de cursos e oficinas sobre agroecologia em diferentes regiões (La Plata, Córdoba, Río Colorado); Baldini et al. nos dão um exemplo dessas experiências [2]. A agroecologia surge na organização como uma alternativa econômica, social e ambiental [3] ao "modelo de produção convencional que destituiu os camponeses da terra em que trabalham, invisibiliza seus conhecimentos ancestrais e prioriza o lucro de poucos em detrimento do trabalho em condições dignas" [4].

Entendemos que a agroecologia promove diferentes tipos de estratégias para que os produtores reduzam sua dependência de insumos externos e poluentes, promovam a produção, a comercialização e o consumo de alimentos saudáveis, preservem as práticas ancestrais e comunitárias dos agricultores e respeitem tanto a natureza quanto o trabalho realizado pelas famílias.

O ENA surge como uma resposta à demanda da organização diante dos desafios para os agricultores fazerem a transição agroecológica e da falta de técnicos e/ou facilitadores suficientes em agroecologia. Com base nos bons resultados da prática da agroecologia em algumas regiões [2], surgiu a ideia de criar um espaço de formação de formadores e líderes em agroecologia, que pudessem promover e acompanhar a transição agroecológica em seus territórios, levando em conta as particularidades de cada região.

Com base no exposto, os objetivos da ENA são os seguintes:

- construir e compartilhar conhecimentos ancestrais, técnicos, políticos e pedagógicos para a transição agroecológica
- sistematizar as experiências produtivas e de formação em agroecologia da organização
- constituir uma equipe de formadores e pontos de referência para replicar o processo de formação e promover a transição agroecológica em cada região
- desenvolver materiais pedagógicos com base nessas experiências.

A ENA foi fundada em 1º de agosto de 2021, com o início do primeiro curso nacional de treinamento de instrutores. A composição dos grupos procura respeitar um critério de federalização, alcançando a participação de

agricultores de todo o país, e um critério de gênero, buscando uma participação igualitária de homens e mulheres. Os principais beneficiários do treinamento são pequenos agricultores, membros de cooperativas agrícolas, pertencentes à agricultura familiar, camponesa e indígena.

O conteúdo do curso inclui aspectos técnicos (teóricos e práticos) e políticos do modelo de produção e da proposta de agroecologia. O programa inclui: os problemas do sistema convencional, os princípios da agroecologia, o enfoque sistêmico, os agroecossistemas e a biodiversidade, o conceito de solo como sistema vivo, o manejo de insetos, a produção e o uso de fertilizantes, biopreparações e caldas, o tratamento da segurança de bioinsumos, a conservação e a defesa das sementes, o manejo de sistemas mistos com animais e a agroecologia em escala extensiva, entre outros temas. Também incluiu debates sobre soberania alimentar, direitos dos camponeses e da agricultura familiar, métodos de base e organização popular, reforma agrária, feminismo rural, cooperativismo, aprendizado de ferramentas pedagógicas, metodologias e dinâmicas para a realização de oficinas, no âmbito da educação popular.

A equipe de professores inclui produtores com experiência em agroecologia, privilegiando a metodologia agricultor a agricultor. A eles se juntam técnicos e profissionais de diferentes universidades e instituições, priorizando perfis com experiência em educação popular, extensão e/ou pesquisa-ação participativa. Dessa forma, o objetivo é formar uma equipe docente diversificada e fortalecer o vínculo entre as instituições e as necessidades dos agricultores organizados.

Por fim, a Escola é um espaço em contínua construção: cada turma que passa pelos cursos contribui com seu trabalho militante para a construção da escola, sendo essa uma de suas dimensões pedagógicas; dessa forma, ao longo dos cursos, foram construídos espaços como a horta agroecológica e o lumbricarium.

### **Os cursos da ENA: progresso e resultados**

O ENA é constantemente avaliado, por meio de avaliações conjuntas entre os alunos e a equipe de coordenação. Após cada curso, revisamos as conclusões tiradas.

No primeiro curso, realizado em 2021, foi possível aperfeiçoar a metodologia da Escola e consolidar uma equipe de professores que, por sua vez, teve a capacidade de trazer outros técnicos e profissionais dispostos a acompanhar o processo. Além disso, foi formado um primeiro grupo de formadores, o que permitiu fortalecer o trabalho em cada região e ampliar a agroecologia na organização.

No segundo curso, realizado em 2022, o objetivo foi aumentar o número de alunos que participaram do curso para incentivar um maior intercâmbio entre os alunos e realizar mais sessões práticas, com foco especial na produção de fertilizantes e bioinsumos. Além disso, foi incorporado o projeto e a construção de um sistema de produção, uma horta agroecológica, que serviu como unidade experimental para aplicar o conteúdo do curso e como exemplo demonstrativo de que a agroecologia "funciona", uma das maiores dúvidas que os agricultores trazem para o curso. Esse último se encaixa na pedagogia do exemplo e da experiência [5], em que os alunos trocam conhecimentos com produtores agroecológicos e incorporam a agroecologia por meio de seu próprio trabalho.

O terceiro curso foi realizado em 2023 e, com base nos resultados dos cursos anteriores, considerou-se necessário reforçar o caráter de "Formação de Formadores", explorando modalidades que implicassem um papel mais ativo dos alunos. Dessa forma, foi incorporado ao cronograma de cada dia um momento de "trabalho pedagógico", no qual os alunos, divididos em Grupos de Base, tiveram que planejar uma atividade retomando os conteúdos já trabalhados, assumindo o papel de professores por um momento do curso. Acompanhados pela equipe pedagógica para pensar em objetivos, metodologia e cronograma, esse trabalho permitiu que desenvolvessem habilidades como planejar e coordenar uma oficina, trabalhar em grupo, dividir papéis, sistematizar conteúdos, além de fortalecer sua confiança ao se pensarem como líderes em agroecologia em seus territórios. Consideramos que essa mudança significou um salto qualitativo no desenvolvimento das metodologias de Treinamento de Instrutores, e é uma experiência que deve ser retomada em cursos futuros. Nas palavras de um aluno da terceira turma, "eu achava que não conseguiria coordenar workshops, mas o curso me ensinou que podemos".

Dessa forma, o objetivo principal da ENA é reforçado: expandir a agroecologia por toda a organização, começando com os agricultores que, em cada região do país, desempenham o papel de ensinar o que é agroecologia e que podem

construir as ferramentas pedagógicas para isso. Essa ideia se baseia em metodologias de agricultor para agricultor, que permitiram a expansão da agroecologia em toda a América Latina [5].

### **A ENA como uma ferramenta para a massificação da agroecologia**

Em consonância com a pedagogia do movimento, em que Rosset et al. [5] apontam para o necessário entrelaçamento dos processos de formação agroecológica com as lutas das organizações em todas as suas dimensões (acesso à terra, saúde, educação, lutas das mulheres, comercialização, produção, direitos das crianças etc.), nos três cursos foi dada ênfase especial ao fato de que não se trata apenas de uma escola que se concentra em questões ou problemas de produção, mas que os conteúdos incluem aspectos políticos, pedagógicos e motivacionais. ), nos três cursos foi dada ênfase especial ao fato de que não é apenas uma escola que se concentra em questões ou problemas de produção, mas que o conteúdo da ENA inclui aspectos políticos, pedagógicos e motivacionais. Além disso, há uma maneira coletiva de trabalhar com relação a toda a organização da escola, que consiste em dividir todos os alunos em Grupos de Base que revezam as várias tarefas necessárias para o funcionamento da escola.

Isso significa que os conteúdos e a passagem das pessoas pelo ENA envolvem a abordagem da agroecologia em sua dimensão produtiva, mas também em suas dimensões histórica, organizacional, ambiental, política, comercial etc. Ao mesmo tempo, são problematizadas as diversas lutas que afetam a agricultura familiar camponesa e indígena (e também a agroecologia): o acesso à terra e a reforma agrária, as desigualdades de gênero, a soberania alimentar, a disputa com o agronegócio, a importância da organização, entre outras, tudo sob um método de trabalho coletivo e horizontal.

A combinação de todas essas questões e métodos está diretamente relacionada a um dos principais objetivos do ENA, que busca influenciar e contribuir para a construção de um determinado sujeito coletivo sócio-histórico e político, que chamamos de campesinato agroecológico e agricultura familiar indígena (com base na definição de "campesinato agroecológico" proposta por Rosset et al [5]). Isso está de acordo com a ideia de uma educação do e para o campesinato, na medida em que se considera que sua participação ativa e protagonista é

fundamental para a ampliação da agroecologia e que, sem a construção desse sujeito político coletivo, o desafio de massificar a agroecologia em todo o território seria difícil de ser alcançado.

## **Desafios futuros**

Para concluir, detalhamos alguns desafios para o futuro nos quais consideramos necessário progredir. Por um lado, o objetivo é fortalecer a participação das mulheres agricultoras, que, embora se aproxime de 50% do grupo, é desigual dependendo da região. Entendemos que esse problema é o resultado de uma desigualdade mais complexa que afeta a participação das mulheres nos espaços de treinamento, discussão e referência das organizações. Por outro lado, a participação das mulheres agricultoras é frequentemente limitada pelas tarefas de cuidar de seus filhos. Para enfrentar isso, planeja-se aprofundar esses debates nos territórios, articulando as demandas feministas com a agroecologia; e avançar na construção de um espaço para as crianças na ENA, que aborde não só o cuidado, mas também a inclusão das crianças nos cursos.

O outro desafio está relacionado ao acompanhamento dos formadores que se formaram na escola, a fim de garantir a continuidade do processo nos territórios. Para tratar dessa questão, acreditamos ser fundamental buscar atores locais (técnicos, instituições) que estejam comprometidos e articulados com a ENA e com as diferentes experiências de formação no território, a fim de fortalecer os processos de formação e de transição agroecológica.

**Trabalho apresentado no 3º Congresso Argentino de Agroecologia (El Bolsón, Río Negro, Argentina, novembro de 2023) / Adaptado e traduzido por Raíces**

## **Referências**

- 1.Federação Rural de Produção e Raíces (2022). Nasce a Federação Rural de Produção e Raíces. <https://agrolink.com.ar/wp-content/uploads/2022/09/documento-federacion-rural-1.pdf>
- 2.Baldini, C., Castro, A. S., Cataldi, V. I., e Martin, L. D. (2019). A transição agroecológica. Um processo de construção coletiva. Primeiro Congresso Argentino de Agroecologia, Mendoza.
- 3.Nogueira, M. E. (2023). Alternativa(s) ao agronegócio? Uma leitura dos vínculos entre a produção familiar e a agroecologia na Argentina. Crítica e Resistência. Revista de Conflitos

<https://www.criticayresistencias.com.ar/revista/article/view/320>

4. Jurado Rocabado, A., Baldini, C., Barboza, E. S., Monguzzi, F. N., Cogo, G., Almazan Cardozo de Jurado, J., e Barker, L. (2023). Transição agroecológica: Biopreparados. Escola Nacional de Agroecologia. Federación Rural para la Producción y el Arraigo e Batalla de Ideas.

5. Rosset, P. M., Val, V., Barbosa, L. P., e McCune, N. (2021). Agroecologia e Via Campesina II. Escolas camponesas de agroecologia e a formação de um sujeito sócio-histórico e político. Desenvolvimento e Meio Ambiente, 58. <https://doi.org/10.5380/dma.v58i0.81357>